

Um estadista na academia: Joaquim Nabuco na Universidade de Yale

KENNETH DAVID JACKSON

NOS DIÁRIOS do senhor embaixador Joaquim Nabuco, primeiro representante do governo brasileiro aos Estados Unidos, para a data de 14 de maio de 1908, lê-se o seguinte registro:

Seguimos para New Haven, eu, o Shannon e Maurício. Recebido na estação pelo secretário da Universidade, Rev. Anson Stokes, e o prof. Lang. Tomamos chá com Mrs. Stokes e às 5h faço minha conferência sobre Camões. Jantamos no Club da Universidade. Doze à mesa. Na minha conferência, introduzi o sistema de pedir a um estudante da Universidade que lesse os grandes trechos de Camões que citei. O estudante foi Mr. Williams, filho do prof. F. Wells Williams. (Nabuco, 2006, p.671)

Trata-se da conferência “The place of Camões in literature” [“O lugar de Camões na literatura”, redigida em inglês e traduzida para o português em 1911 por Arthur Bomilcar, e em 1940 por Carolina Nabuco], a primeira de seis conferências apresentadas pelo embaixador em universidades norte-americanas no período de 1908-1909. Depois de Yale, falou na Universidade de Chicago em 28 de agosto do mesmo ano sobre “The approach of the two Americas” [“A aproximação das duas Américas”] e, no ano seguinte, em Vassar College, no 21 de abril, sobre “Camões, the lyric poet” [“Camões, poeta lírico”] – e sendo uma universidade de mulheres, em homenagem Nabuco traduziu todos os trechos da lírica camoniana de número e gênero para o feminino plural –, depois na Universidade de Cornell, em 23 de abril, sobre “*The Lusíadas* as an epic of love” [“*Os lusíadas* epopéia de amor”], e, finalmente, na Universidade de Wisconsin-Madison, em 20 de junho de 1909, sobre “The share of America in civilization” [“A parte da América na civilização”]. Apenas que, atacado por exaustão e doença, Nabuco não pôde fazer a viagem até Wisconsin e as suas viagens universitárias chegaram ao fim.

Os seis temas selecionados demonstram bem a divisão dos interesses do embaixador entre a poesia e a cultura política, sendo três sobre Camões, dando relevo ao amor e à retórica, e três sobre as Américas, trabalhando o pan-americanismo que promovia, sobretudo nos Estados Unidos, onde, como Nabuco lembrava aos alunos de Yale, ele participou do lançamento da pedra fundamental da Casa das Repúblicas em Washington, D.C., em 11 de maio de 1908, apenas alguns dias antes de sua visita a Yale.

O propósito de Nabuco, nesse empreendimento, é ser não apenas o embaixador de um país, mas de toda uma língua e cultura, e de um continente e de uma vivência comum; espera chamar a atenção dos alunos americanos, que desconhecem completamente o Brasil, e conquistá-los ao abordar as matérias que estudam e entendem bem dentro do seu currículo acadêmico: o latim – que foram obrigados a falar –, a poesia épica, a filosofia, a ética e a história cultural e política americana. Não obstante as duas traduções para o português publicadas em livro, os textos originais redigidos em inglês merecem ser conhecidos e lidos, pelo requinte estilístico, pela brilhante exposição retórica, pela clareza de pensamento e pela argüição sutil. Nessas escritas brilha o humor seco e o bom humor do seu autor, a pesquisa, os comentários sempre bem informados, uma ampla documentação e uma precisão de frase e de referência, necessárias a um bom ensaio acadêmico em inglês. E ainda, tenta conquistar o seu público com temas inusitados: em 1908 os alunos americanos de Yale ainda se juntariam para ouvir um diplomata distinguido falar sobre Camões e até, embora menos numerosos, sobre o sentimento de nacionalidade no Brasil.

As conferências americanas de Nabuco na Universidade de Yale interessam igualmente aos estudos camonianos e ao tema da identidade nacional, porque mantêm uma visão ao mesmo tempo heróica, ética e erótico-amorosa da poética dos descobrimentos e da fundação do país. A leitura de Camões é nobre, romântica e heróica, sem distinção. A viagem marítima e o encontro de terras e povos novos são os temas que ainda dominam a sua visão do mundo, refletindo o longo período colonial e imperial, enquanto também pretendem servir de exemplo e de lição para o jovem país em transição.

Na sua biografia, a *Vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco* (Nabuco, 1928, p.472), a autora explica as razões que levaram o senhor embaixador a procurar a academia para expor as suas idéias e a tratar de seus temas preferidos:

Entre os cenários, muito variados, destes discursos a que a posição de embaixador o obrigava, o quadro que mais agradava a Nabuco era o das Universidades. Falar á mocidade americana consolava-o de não poder nesse fim de vida, dirigir-se á brasileira. Expansivo de natureza, era-o ainda mais com os estudantes, e o que havia nelle de apóstolo dera-lhe na velhice o amor ao professorado, a ambição suprema de falar longamente antes da morte a seus jovens patricios. Diz uma sua carta de 1909: “Minha ambição neste final seria falar á mocidade, semear os sentimentos e as idéias com que já agora hei de partir da vida, e que portanto para mim são eternas. Acredito que poderia fazer um testamento político que fosse uma carta dos recifes que temos pela prôa e do rumo que devemos seguir para evital-os. A maior gloria de todas é formar discipulos, isto é, reviver politicamente em outra geração, prestando ainda serviços ao paiz. Receio, porem, que a ambição seja demasiada para mim agora.

E era tambem nesse quadro das universidades que sobressahiam com maior relevo, e eram melhor comprehendidas, suas qualidades literarias e espirituaes, a vasta cultura que lhe fazia merecer o epitheto de *scholarly*, a fineza de seu juizo critico, e, no paiz do util, o seu ardente amor ao bello.

A atração da academia sai claramente no aviso enviado por Nabuco a Machado de Assis, numa carta de Washington, datada de 8 de junho de 1908:

[...] Vou receber este ano o grau de doutor em Letras por Yale, e a Universidade de Chicago convidou-me para pronunciar o discurso oficial no encerramento do ano letivo, ou no dia da colação dos graus, o que é uma grande honra. [...] Também comprometi-me a pronunciar para o ano o discurso oficial em um dos grandes dias da Universidade de Wisconsin [...] Estou muito contente pelo Brasil com tôdas essas honras, que são principalmente feitas ao país. (Nabuco, 1949, p.308)

Logo vem a resposta desejada do mestre Machado, numa carta de 28 de junho:

Meu querido Nabuco. Deixe-me cumprimentá-lo pelas suas conferências que aí fez e pelo discurso proferido na cerimônia da União das Américas; saíram todos no *Jornal do Comércio*. Você não deixa esquecer este país onde quer que esteja, como não esquece os amigos velhos, e agradeço por mim que recebi o exemplar do *Washington Post* com o discurso. A conferência acerca do papel de Camões na literatura veio mostrar ainda uma vez o estudo que tem feito desde a primeira mocidade relativamente ao poeta e ao poema. Traz com apreciações novas e finas, o mesmo largo alcance da crítica e o claro e eloquente estilo do costume. O mesmo digo da conferência sobre a nacionalidade do Brasil. Realmente os homens que V. aponta da América Latina têm jus à comunhão do espírito da grande nação em que o nosso governo tão acertadamente o colocou para representar a nossa. Enfim, dou-lhe os meus parabéns pelo seu doutoramento na Universidade de Yale. (Assis, 1979, p.1089)

E no 1º de agosto, Nabuco (1949, p.310) volta à carga: “Muito lhe agradeço suas boas palavras sobre as minhas conferências de Yale. A 28 de agosto devo estar em Chicago, já lhe disse. Aqui levo uma vida de peregrino, de universidade em universidade”.

Peregrino por vontade própria, Nabuco procura constituir ele mesmo o elo entre essas conceituadas universidades pelo amor à língua portuguesa e ao espírito nacional brasileiro. Por meio de um panorama sintético da história nacional, identifica exemplos de idealismo e de liberdade, com os quais constrói uma teoria de cultura das Américas, na qual o Brasil ocupará um lugar comparável ao dos Estados Unidos. Nas peregrinações universitárias, Nabuco manifesta a dupla intenção de semear os seus ideais, o seu conceito de civilização e de literatura a uma nova geração, e de deixar uma imagem do Brasil como país idealista e progressivo, num caminho paralelo ao do país de seus amigos Eliah Root, secretário de Estado, e Theodore Roosevelt, presidente da República. Essa missão não estava sem os seus desafios, de maneira que cada conferência representava mais uma vitória para o embaixador-intelectual-conferencista itinerante, como confessa no seu diário de 8 de junho:

Escrevo ao Machado e ao Rodrigues. A este lembro Yale para o catálogo, a Hispanic Society e digo: “Aí devem pensar no meu substituto e insinuar-lhe que

pratique o inglês”. Aqui só se fala inglês. Tudo está mudado em Washington. O Bureau das Repúblicas Americanas que, quando eu cheguei, parecia um foco de conspiração e má vontade contra os Estados Unidos, depois do exemplo do Brasil tornou-se um campo de liça, em que os combatentes lutam pelo primeiro lugar na amizade e confiança americana. Ainda bem ... mas quisera uma ocupação que não me pusesse tanto em evidência, obrigasse a tanta representação e que não me fechasse o ano inteiro no círculo de ferro da língua inglesa e não nos isolasse tanto. (Nabuco, 2006, p.673-4)

Em outra carta de 23 de maio, noticiando a superação desses obstáculos, comenta que “Na Universidade de Yale fui muito bem recebido...”, impressão confirmada nas reportagens de época no jornal universitário, *Yale Daily News*, o mais antigo do país:

Yale Daily News. Tuesday, May 5, 1908

“Brazilian Ambassador to Lecture” *Illustrious South American Diplomat Here on May 14 and 15. “Joaquim Nabuco, the Brazilian Ambassador to the United States, will address the University on Camoens, the famous Portuguese poet, in Lampson Hall on Thursday, May 14, at 5 o’clock. [At the request of the lecturer, W. Williams, 1910, will also read a prose version of two extracts from The Lusians.] The following day he will speak under the auspices of the Hispanic Club on “The National Spirit of Brazil.” **

Já em 15 de maio, na primeira página, o jornal estudantil comenta o sucesso do embaixador: “*As a large and appreciative audience greeted Senor Nabuco when he spoke yesterday on ‘The Poetry of Camoens’, an unusual attendance is again anticipated tonight*”.** Nos diários, Nabuco (2006, p.672) não comenta as conferências, registrando apenas os detalhes sociais da sua recepção:

15 maio

Almoçamos eu, Shannon, Maurício com os Stokes, depois Mrs. Stokes nos faz dar um passeio com ela no *phaeton* para ver os arredores de New Haven que são lindos, sobretudo com o verde novo da folhagem. Jantamos com o prof. Lang. Depois faço a minha conferência sobre o “Espírito de Nacionalidade no Brasil”.

A passagem de Nabuco por Yale é ainda documentada em trechos do boletim semanal *Yale Alumni Weekly* (1908a, p.834), na primeira instância agra-

* *Yale Daily News*, Terça-feira, 5 de maio de 1908

“Conferência do embaixador brasileiro” Ilustre diplomata sul-americano aqui no 14 e 15 de maio. “Joaquim Nabuco, o embaixador brasileiro aos Estados Unidos, vai falar à Universidade sobre Camões, o celebrado poeta português, em Lampson Hall na quinta-feira, 14 de maio, às 17 horas. [A pedido do conferencista, W. Williams, classe de 1910, lerá uma versão em prosa de dois excertos d’*Os lusíadas*.] No dia seguinte, vai falar ao Clube Hispânico sobre “O espírito da nacionalidade no Brasil.”

** “Como uma platéia grande e entusiástica recebeu o Senhor Nabuco quando falou ontem sobre “A poesia de Camões,” novamente se espera um grande público hoje à noite.”

decendo a doação à biblioteca da Universidade de documentos relacionados às negociações sobre a fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa:

*Special vote of thanks were passed by the Corporation... to His Excellency, Senor Nabuco, the Brazilian Ambassador to America, who lectured at Yale last week, for his gift to the University Library of an important collection of Brazilian government publications, consisting of a complete collection of documents relating to the negotiations carried on several years ago in regard to the boundary line between Brazil and British Guiana.**

E, ainda, encontra-se no número de 8 de julho, na lista de títulos honorários concedidos pela corporação, a indicação do seu nome para receber o título de “Doutor em Letras”, levando a identificação singela: “*Joaquim Nabuco. Brazilian Poet and Diplomat*”** (*Yale Alumni Weekly*, 1908b).

Poeta e diplomata

Ao conceder o doutorado *honoris causa* em Letras ao poeta-embaixador (ao contrário da Universidade de Columbia, que deu-lhe o doutorado em Direito), a Universidade de Yale talvez não tenha apreciado que, com o diploma, prestigiava o elo entre o literário e o político que, segundo estudo de Antonio Candido (1985), caracterizava os membros da elite intelectual brasileira desde antes da independência. Ítalo Moriconi (2001) nos lembra, num ensaio sobre Nabuco estadista (“Um estadista sensitivo”), que o homem público brasileiro se sentia mais autêntico e gostava mais da vida literária, mesmo quando se dedicava quase exclusivamente a assuntos de Estado. Ao tratar das grandes figuras que faziam a transição entre Império e República em fins do século XIX, Moriconi (2007) os considera, embora em graus diferentes, como literatos:

Rui [Barbosa] e Nabuco são literatos, mas não exclusivos como Machado. E são políticos e dirigentes (administradores), mas não exclusivos como Rio Branco. São literatos no sentido de que a personalidade intelectual no século 19 se forma a partir ou com base numa formação literária. A literatura é um discurso pivô no repertório discursivo-cognitivo das gerações intelectuais pós-70 do século retrasado.

Ao escolher como tema para sua primeira conferência diante dos alunos de Yale “O lugar de Camões na literatura”, Nabuco não apenas reforça a sua preferência pelo literário, retomando o interesse por Camões que o acompanhava pela vida inteira, como, por meio das qualidades estéticas da língua e literatura,

* Agradecimento especial votado pela Corporação de Yale... a Sua Excelência, Senhor Nabuco, o embaixador brasileiro à América, que falou aqui na semana passada, pelo seu presente à Biblioteca da Universidade de uma coleção importante de documentos publicados pelo governo brasileiro, sendo uma coleção completa de documentos relativos às negociações levadas a cabo há alguns anos sobre a linha divisória entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

** “Joaquim Nabuco. Poeta e Diplomata Brasileiro”.

apresenta aos alunos de Yale um alto conceito de cultura, ligado ao classicismo e ao universalismo dos descobrimentos. A sua escolha da épica camonianiana é prova de que o literário alimentou toda a sua relação com a política, ou mais especificamente com uma cultura política, entendida no seu parâmetro estético. No momento de escrever *Minha formação* em 1899, confessa no diário que “meus erros foram desvios de idealização; eu nunca teria podido confessar uma idéia, uma crença, um princípio, que não fosse para mim um ímã estético...” (Nabuco, 1999, p.79-80). Escreve Carolina na biografia:

Revelar Camões aos Americanos era fazer propaganda da lingua portuguesa e tratar de um assumpto que o deliciava. O amor a Camões, que, aos vinte annos, lhe inspirára o primeiro livro, *Camões e os Lusíadas*, o acompanhou toda a vida. Aos sessenta, compõe ainda diversos sonetos a Camões, que deixou ineditos, e nota no diário: “Lendo os ‘Lusíadas’ – este é o livro verdadeiramente meu companheiro e o foi sempre. Sinto não saber mais delle de cór, mas a Ilha dos Amores e a supplica de Venus a Jupiter, é preciso que a torne a aprender para fazerem companhia ao Adamastor e a Ignez de Castro que nunca esqueci”. (Nabuco, 1928, p.473)

É no seu conceito de cultura, oriundo da Europa e herdado da história, porém, que se esconde, segundo o brilhante ensaio de Silviano Santiago (1996), “Atração do mundo”, um dos pólos das contradições políticas da história recente do país, vividas por Nabuco. O estadista vive uma crise de representação, em que os valores universais de cultura, sempre distantes, têm de ser construídos mediante um longo período de aprendizagem e não simplesmente presenciados ou buscados numa identidade nacional. Silviano o caracteriza por uma perspectiva dominada pela “curiosidade intelectual pelas coisas do mundo” e pelo desinteresse na sua participação na política local:

A pátria que fascina o coração não ilude a cabeça e, por isso, o “grande espetáculo” do mundo é o que “prende e domina a inteligência”... Nos anos da juventude e da maturidade, sentado na platéia do palco brasileiro, onde se encena o drama menor da jovem nação, Nabuco almeja estar na platéia do grande teatro da humanidade, onde se desenrolam as peças sedutoras e definitivas do século. (Santiago, 1996, p.34)

Nabuco comparte a interpretação do “instinto de nacionalidade” com Machado de Assis, sendo a vida brasileira uma participação e uma recapitulação *sui generis* dos grandes arquétipos da civilização ocidental, encontrados na Europa. O seu impulso universalista parece distanciá-lo da realidade americana: “As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre” (Nabuco, 1999, p.42). Para se situar, ele escolhe o ponto de vista de um observador culto, porém alienado, comparável aos do grande romancista, e, antecipando o exílio no Brasil de um Dr. Ricardo Reis, esteta e monárquico, Nabuco (1999, p.78) observa “o espetáculo do mundo”, com o fim de detectar e analisar as raízes de sua cultura,



Foto Agência France Presse

Luís de Camões.

valorizando sobretudo as origens européias, comunicadas por um sentimento íntimo de expressão artística: “eu trocara em Paris e na Itália a ambição política pela literária, voltava cheio de idéias de poesia, arte, história, literatura, crítica, isto é, com uma espessa camada européia na imaginação, uma camada impermeável a política local [...]”.

Para a imaginação do Nabuco, o Brasil é um dos palcos da humanidade e ele, o espectador, comparável talvez no seu ofício de escritor-embaixador ao conselheiro Aires de Machado. No capítulo “Atração do mundo”, de *Minha formação*, Nabuco (1999, p.44) explica o seu ponto de vista narrativo, empregando uma metáfora do teatro, dessas tão caras à obra de Machado: “Sou antes um espectador do meu século do que do meu país, a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo”. Trata-se de um espectador duplamente ausente, porque fica entre dois pólos desestruturados, o Brasil que defende e pelo qual sente saudades quando viaja no mundo, e a cultura mundial que estranha quando de volta à sua Massangana no Brasil. E ainda mais, é um espectador míope, longe demais dos palcos, deitado numa poltrona provinciana, porém considerando-se conectado aos quatro ventos pela tecnologia da época, o telégrafo, como nos explica Silvano Santiago (1996, p.32):

Ao se autocaracterizar como espectador mais interessado pelo drama teatral do século do que pelo do país onde nasceu, considera o espetáculo do mundo como o de uma civilização em plena efervescência dramática. Eis a razão pela qual a grande peça de teatro que se representa nos teatros da Europa o atrai irresistivelmente. Morando em país provinciano, está distante do palco onde a grande peça se desenrola, mas dela pode ser espectador no conforto do lar em virtude dos meios de comunicação de massa modernos, no caso o telégrafo.

Ao chegar a Washington, D.C., em 1905 como o primeiro embaixador brasileiro, Nabuco vira homem de ação, ator e porta-voz de uma política pan-americana, aliada aos interesses de Roosevelt, para promover o Brasil e estreitar os laços entre os dois grandes países. Nos auditórios das universidades, começando pela Universidade de Yale, Nabuco pôde trocar a sua cadeira de espectador no teatro da humanidade pelo papel de diretor e personagem principal, feito mais do que um embaixador, talvez um zamorim ou vice-rei das Índias, um intérprete da grande cultura representada pelo mundo da expansão portuguesa, um dos temas de *Os lusíadas*, apresentada no recinto de uma das universidades mais prestigiadas do mundo. Em Yale, o espectador se torna escritor e ator, declamando o seu texto num grande palco da civilização, onde o ator é uma figura triplamente ausente, consoante o desconcerto da épica camoniana: longe da pátria (Brasil), longe das fontes estéticas e filosóficas do seu mundo de referência (Lisboa e o classicismo), e *persona* ou *alterego* da sua própria história, discursando numa língua difícil. A tarefa é heróica, mas as probabilidades de sucesso são mínimas, pois apresenta às platéias assuntos ignorados, se não completamente esquecidos, desde um mundo cultural que fica além do horizonte dos jovens americanos. Nem por isso perde a esperança ou o vigor.

Na conferência “O lugar de Camões na literatura”, Nabuco escolhe uma série de rótulos, de fundamento romântico, que deverão exprimir as qualidades mais altas da obra camoniana, categorias que definem, por sua vez, a herança cultural luso-brasileira para o seu tempo. O herói da história épica é coletivo, do “peito ilustre Lusitano... Aquelles que por obras valorosas/Se vão da lei da morte liberando”. O primeiro atributo que preza de *Os lusíadas* é a perfeição, contribuição estética da “raça portuguesa” sob a influência latina: “A perfeição, uma vez atingida, deve ser apenas copiada. A perfeição é final” (Nabuco, 1940, p.4). E perfeição equivale a heroísmo: “Aquelles que por obras valorosas/Se vão da lei da morte liberando”. *Os lusíadas* do Nabuco é um poema de viagens heróicas, do mar,

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As marítimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteu são cortadas. (I, 19)

e da observação da natureza:

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céu tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo .
O promontório Prasso já passavam
Na costa da Etiópia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo-lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava. (I, 43)

Comenta uma precisão pictórica e percepção estética também perfeitas no poema: “Aos navios chama ‘nadantes aves’, *swimming birds*” (Nabuco, 1940, p.10). Aos marinheiros que viram sumir o horizonte do Tejo atribui implicitamente uma expressão de saudade e de melancolia comparável ao celebrado poema “Canção do exílio”, do poeta romântico brasileiro Gonçalves Dias: “Qual é o Português que já viu desaparecer as margens do Tejo no horizonte sem lembrar a última impressão fixada por Camões?” (ibidem, p.10):

Já a vista pouco a pouco se desterra,
Daqueles pátrios montes que ficavam.
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Cintra; e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais em fim que mar e céu. (V, 3).

A segunda grande impressão do poema é a da expansão de um império, mas não mais entre a Europa e a Ásia. Nabuco consegue chegar ao oeste ao viajar para o leste, as duas margens que o poema une sendo a Europa e a América, pois esta possui no julgamento de Nabuco uma modernidade e um futuro muito maior do que os da Ásia. Terceiro, louva o poder criativo e da imaginação do poema, capaz de transformar um “tedioso diário de bordo” em grande poesia, com figuras inesquecíveis como “O velho do restelo” e “Adamastor”, símbolos para esse leitor de sabedoria e de determinação. Depois, Nabuco vê exemplificado o renascimento na representação plástica, a poesia de Camões ligada diretamente à pintura de Raphael: “Nunca visitei a Farnesina sem sentir que Camões e Raphael eram artistas gêmeos” (p.19). No emprego da mitologia, Nabuco entende não uma “confusão cósmica” (na expressão infeliz de Thomas Greene), mas a sobrevivência de um paganismo politeísta, como queria Pessoa.

A seguir, na leitura do poema, Nabuco entende o encaminhamento de quatro dos sentimentos mais altos da vida – “Pátria, Amor, Poesia, Ação” – sendo para a geração de Nabuco valores tanto românticos quanto político-culturais. Nesse sentido, não se trata apenas de um poema ético, mas de uma vivência forjada da necessidade e da pobreza, e não sem a lição do amor ligado ao progresso

e ao herói: “Que um baixo amor os fortes enfraquecem” (III, 139). Nabuco passa a impressão de que o poema nunca teria sido escrito se Camões tivesse prosperado em Portugal, se nunca tivesse sido condenado ao exílio da viagem e da pobreza, como nos notáveis casos de Dante e Milton. Nesse ponto, observa-se a mão do destino e do sublime, tão caros a Nabuco: “[sem essa viagem, Camões] produziria talvez outro poema igualmente bello mas nunca tão vibrante... vê-se a figura do poeta sob o imperio do destino que quer a criação dos *Lusíadas*”.

É por esse caminho que Nabuco chega à qualidade máxima que admira nessa obra: além do belo, a glória, o gênio, a imortalidade. Quer que os seus jovens ouvintes de Yale, provavelmente descendentes de puritanos, se considerem “os filhos pela inteligência” dessa obra de cultura latina, ora pedra de toque de uma grande nação das Américas. E deixa como a lição da sua comunicação um segredo da cultural política da sua geração e da sua época, que é a de uma formação e de um raciocínio estéticos: “[As] medidas intellectuaes devem ser observadas em profundidade, largura e elevação, e não só em palavras, mas em traço, em cor, em musica” (Nabuco, 1940, p.29). Por intermédio de Nabuco, Camões empresta o seu espírito e a sua arte às Américas, e a sua voz ao Brasil.

No segundo dia na Universidade de Yale, Nabuco fala sobre “The Spirit of Nationality in the History of Brazil” [“O sentimento de nacionalidade na história do Brasil”] para o Clube Hispânico. Ao traçar um panorama histórico-cultural do desenvolvimento do país (“o Brasil e *Os Lusíadas* são as duas maiores obras de Portugal”), Nabuco a cada passo enfatiza as qualidades de um americanismo continental que os Estados Unidos e o Brasil têm em comum. Por causa do abandono e da distância da Europa, compartilhem a necessidade de se apoiarem em si mesmos, o *self-reliance* que engendrou um sentimento de nacionalismo desde os tempos coloniais.

Houve depois o fator decisivo religioso, no caso brasileiro inscrito por duas letras, S.J., com gênios e gigantes como padre Antônio Vieira, desenvolvido numa missionização que na frase de Nabuco torna comparável o tratamento das sociedades indígenas nas Américas, do Brasil ao Canadá. Fala das lutas para livrar-se do domínio estrangeiro – seja de holandeses, espanhóis, ingleses seja de franceses – e do auxílio que unia as mais distantes regiões dos dois países, de “bandeirantes e pioneiros” que entraram no interior para colonizar a terra. Ao lado do bom caráter dos seus governantes, Nabuco coloca uma consciência do seu tamanho e da promessa do futuro, duas qualidades tidas em comum pelos países representados na primeira conferência pan-americana.

E para concluir, levanta o idealismo como o característico dominante do país e do seu povo: “Desse idealismo, faz parte o Americanismo. Somos e sempre fomos leaes ao nosso continente. O Brasil nunca poderia acorrentar-e a funções interesseiras ou egoístas; é governado pela imaginação... nunca conheceu um governo arbitrário ou pessoal” (Nabuco, 1940, p.113). Louva o bom caráter dos administradores que o Brasil teve, leais e responsáveis desde os velhos go-

vernadores portugueses. Sobretudo no caso do imperador D. Pedro II, Nabuco cita o seu apoio ao povo, a sua retidão pessoal e a pouca importância que dava ao trono. Havia no Brasil sempre ordem, mas sem sacrificar a liberdade, sem nunca ter necessidade de um chefe forte, tipo salvador da sociedade, dizia: “No Brasil, portanto, jamais a liberdade foi sacrificada á ordem; pelo contrario, aparece constantemente como seu fruto, fruto da mesma arvore da ordem plantada em nosso Independência” (ibidem, p.113).

E para exemplificar o idealismo brasileira, invoca a Independência, a Abolição da escravidão, a República, a intelectualidade da vida política e até a aspiração, na época, de aumentar o seu território, com referência à disputa com a Guiana submetida ao julgamento do presidente Cleveland, como lembra convenientemente ao público americano.

Quem é esse orador apaixonado, ilustre e culto embaixador de uma entidade tão pouco conhecida e estudada nas universidades americanas, e por que escreve e fala com tanto brilho e tanta perfeição sobre as qualidades heróicas, éticas e estéticas de sua cultura? – deveriam ter se perguntado os poucos mil alunos de Yale que tiveram a sorte de ouvir Nabuco. Teriam se dado conta de que era para chamar a atenção dos jovens universitários “para o que é digno de nota nas suas irmãs do Sul” (p.116), como se reconhecessem e respeitassem qualidades continentais e não apenas nacionais? O embaixador na sua conferência quer conseguir o quase impossível, colocar o Brasil num pé de igualdade ao dos grandes valores e das correntes principais da civilização norte-americana, ressuscitar as grandes obras de cultura latina e clássica do mundo luso-brasileiro e, como representante do político letrado, acima de tudo, deixar uma impressão imortal, digna e inesquecível da sua terra. Tal foi a impressão que ele deixou mesmo entre brasileiros, aqui registrada por um jovem Alceu de Amoroso Lima (1965, p.6-7) em 1906:

Só vi Joaquim Nabuco uma vez na vida: de relance e na adolescência. Mas bastou para que ficasse gravada, para sempre, em minha retina, a imagem mais fulgurante do humanismo brasileiro em sua encarnação pessoal. Vi-o antes de lê-lo e, quando o li, revi-o tal qual o havia visto antes de o ler. O espírito e o corpo formavam nele uma unidade tão harmoniosa, que até hoje nenhum dos nossos compatriotas o excedeu. Nem mesmo se lhe equiparou. Continua solitário, único, inconfundível [...] vejo ao longe dois vultos que se aproximavam [...] logo reconheci Elish Root, o famoso delegado norte-americano e o nosso Nabuco. Fiquei siderado. O busto alevantado [...] um rosto aberto, iluminado por dentro de uma luz interior que completava a luminosidade do crepúsculo nos cabelos, olhos serenos e olímpicos, o chapéu, indispensável na época, mas na mão, o que já representava uma audácia [...] Em tudo uma grandeza, uma serenidade, uma harmonia, uma paz e tanta simplicidade humana [...] Nabuco continua a ser, para mim, o grande reconciliador...

Não deixa de ser um tipo de heroísmo e a um alto custo: abandonar a poltrona erótico-afetiva do observador, exilar-se da terra natal por viagens transoceânicas menos que heróicas, elaborar os seus altos conceitos no “círculo de ferro

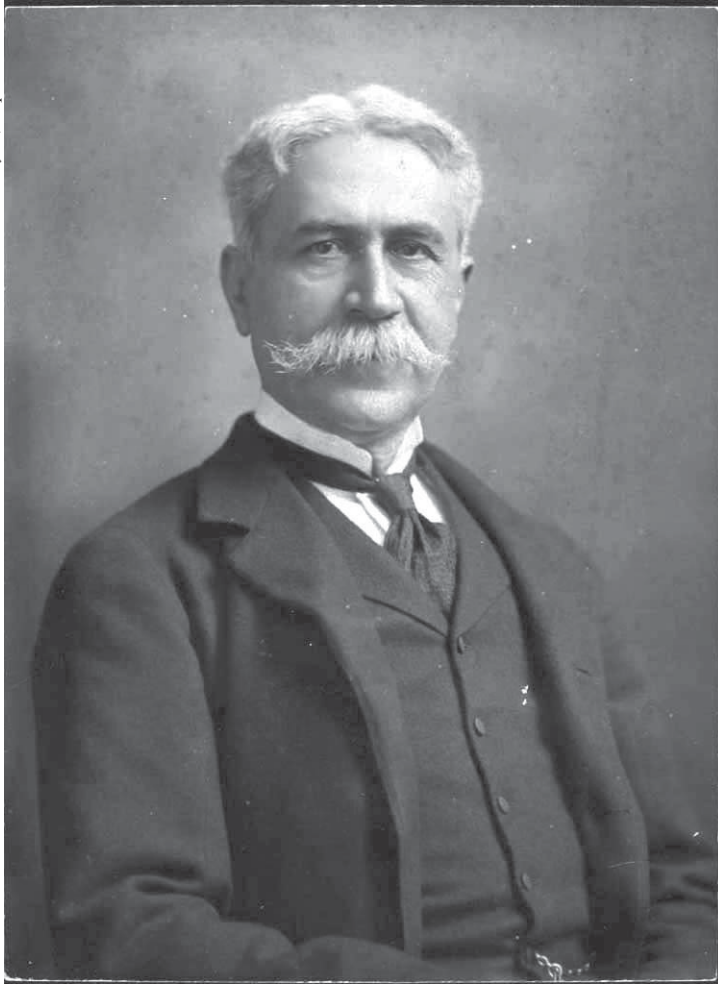
da língua inglesa” nos palcos das universidades de Yale, Vassar, Cornell, Chicago e Wisconsin, numa peregrinação que talvez exigisse uma tenacidade comparável à dos jesuítas barrocos. Tudo isso Nabuco fez, mas não sem uma sobra de melancolia, de sacrifício por vontade, de sentimento de dever e de legado pessoal ao futuro, dum testemunho que precisava deixar de tudo que aprendera e amara, fruto de uma vida privilegiada pela cultura e fortuna. Acompanhemos o registro no diário na última viagem de saída do Brasil, em 18 de outubro de 1906, com a impressão derradeira da terra natal:

Acompanhamos a costa, ao longe Maceió, depois de horas o Cabo de Santo Agostinho, toda a paisagem familiar da costa Pernambucana, a orla branca da praia, os coqueiros, as colinas verdes; á tarde defronte de Recife. Não desembarco. Depois que vão os amigos, os moços da Academia, fico a olhar para o occaso que flammeja como um Turner sobre Olinda; a noite a lua forma um navio, uma caravella de oiro, sobre uma nuvem negra. E assim me despeço do Recife, talvez para sempre. (Nabuco, 1928, p.465)

Encontramos nessa confissão pessoal os mesmos elementos de composição e de pensamento que formaram as suas conferências sobre Camões e a sua missão aos alunos americanos: aí está o observador, ainda a bordo, observando a paisagem como se fosse um quadro, o seu navio uma caravela dos descobrimentos, na forma do luar, ocultada pela sombra de sua melancolia, por um lugar imaginado ou distante, fora do tempo e fora da geografia.

Ao falar na Cocoran Gallery em Washington, D.C., sobre o escultor Saint-Gaudens, em 15 de dezembro de 1908, ou seja, seis meses depois das conferências de Yale, Nabuco continuava a refletir sobre a consciência, a ética e a estética das aspirações dos indivíduos e das nações. Afirma nos seus breves comentários que, por meio da esperança, do desejo e do amor – seguindo o exemplo do conceituado escultor – chega o artista a se unir com a matéria-prima, com o fluxo eterno, tal como deveria ter entendido Camões na filosofia da sua poesia lírica: “Somos gotas no oceano, mas todos queremos ter a consciencia do Oceano, e não sómente a da gota. Em cada um de nós, aqui presentes, esta consciencia reflecte a imagem do grande esculptor americano. Isto é gloria, isto é immortalidade” (Nabuco, 1928, p.471).

Se as suas conferências são gotas no oceano, Nabuco continua a pensar no oceano, apoiado pelo idealismo da totalidade de suas aspirações, no legado do seu pensamento e da sua mensagem. Ao sair de Yale, e depois da sua atuação nas conferências universitárias que se seguiram nos palcos da academia, nas instituições mais destacadas dos Estados Unidos, pelo registro e pela poesia de suas palavras, Nabuco alcançou uma perfeição possível, merecendo ele mesmo pelas conferências, se por um instante fugidio, as mesmas palavras com que louvou o grande escultor: “Isto é gloria, isto é immortalidade” (ibidem, p.471). No ciclo das conferências universitárias, apareceu esse outro Nabuco, o mestre, o embaixador-poeta, porém ausente e mortal, longe da sua terra, porta-voz de uma cultura esquecida, nos grandes palcos da sabedoria universal.



Joaquim Nabuco.

Todos os textos das suas conferências foram publicados em revistas ou separatas, mas existem em cópias únicas, localizadas especialmente na biblioteca de Yale e em duas ou três mais, onde foram parar por razões desconhecidas. Já os reuni e espero publicá-los, junto à primeira tradução para o inglês de *Minha formação*, como homenagem a Nabuco na Universidade de Yale. Haverá também um congresso em abril de 2008 para comemorar o centenário da sua visita à Universidade de Yale e a reunião de suas obras em inglês pela primeira vez.

Referências bibliográficas

ARANHA, G. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco, comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores*. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942.

ASSIS, J. M. M. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v.III.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 7.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

LIMA, A. A. Pró-memória: introdução a *Minha formação*. In: NABUCO, J. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

LIMA, L. C. Nabuco: trauma e crítica. In: *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002. p.341-57.

MORICONI, I. Um estadista sensitivo. A noção de formação e o papel do literário em *Minha formação*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.16, p.161-72, 2001.

_____. Rui Barbosa pós-moderno? (Elogio a um elogio). Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br>>. Acessado em: 19.3.2007.

NABUCO, C. *A vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

_____. *The Life of Joaquim Nabuco by Carolina Nabuco*. Trans. and ed. Ronald Hilton. Stanford: Stanford University Press, 1950.

NABUCO, J. *Minha formação*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.

_____. *The Place of Camões in Literature*. New Haven: s. n., 1908a. 26p.

_____. *The Spirit on Nationality in the History of Brazil*. New Haven: s. n., 1908b. 14p.

_____. *Discursos e conferências nos Estados Unidos*. Trad. Artur Bomílcar. Rio de Janeiro: B. Aguila, 1911.

_____. *Escreptos e discursos literarios*. Rio de Janeiro; São Paulo: Civilização Brasileira; Cia. Editora Nacional, 1939.

_____. *Camões e assuntos americanos, seis conferências em universidades americanas*. Trad. Carolina Nabuco (Edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco). São Paulo; Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional; Civilização Brasileira, 1940.

_____. *Cartas a amigos*. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. São Paulo: Instituto Progresso Editorial SA, 1949. v.II.

_____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. *Joaquim Nabuco diários, 1873-1910*. Ed. pref. e notas de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

SANTIAGO, S. Atração do mundo: políticas de identidade e de globalização na moderna cultura brasileira. *Gragoatá, Niterói*, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF/EdUFF, p.31-54, 1996.

_____. Worldly Appeal: Local and Global Politics in the Shaping of Brazilian Culture. In: *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture*. Durham: Duke, 2001. p.147-73.

YALE ALUMNI WEEKLY. v.XVII, n.35, p.834, 20 de maio de 1908a.

_____. v.XVII, n.40, 8 de julho de 1908b.

YALE DAILY NEWS. Terça-feira, 5 de maio de 1908c.

RESUMO – Um estudo das conferências acadêmicas que pronunciou Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil em Washington, D.C., na Universidade de Yale e mais cinco universidades americanas durante o período 1908-1909. Nabuco volta a Camões como

exemplo do amor a uma língua e uma cultura, das quais o Brasil seria a maior realização, e aproxima o espírito do nacionalismo das duas grandes nações como exemplos para a política do pan-americanismo da época.

PALAVRAS-CHAVE: Nabuco, Yale, Conferências, Camões, Nacionalismo, Poeta, Diplomata.

ABSTRACT – A study of the academic discourses of Joaquim Nabuco, Brazil’s ambassador in Washington, D.C., at Yale and five more universities from 1908-1909. Nabuco returns to Camões as the example of great love for a language and a culture, nobly represented by Brazil. Nabuco compares the two great nations as examples for the then current politics of pan-americanism.

KEYWORDS: Nabuco, Yale, Conferences, Camões, Nationalism, Poet, Diplomat.

Kenneth David Jackson é professor na Yale University, EUA. @ – k.jackson@yale.edu

Recebido em 30.5.2007 e aceito em 10.6.2007.